

## RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA: QUAL É O LUGAR DA DISCUSSÃO RACIAL NA AULA DE ESPANHOL?

Flavia Coutinho Ferreira Sampaio  
Doutorado/UFF

Orientador: Xoán Carlos Lagares Diez

### Introdução

Ao refletir sobre o ensino de línguas estrangeiras nas escolas de Ensino Fundamental e Médio, pesquisadores e professores ponderam sobre questões como currículo, metodologia de ensino, materiais didáticos e, sobretudo, a concepção de língua transmitida por essas escolas. Entretanto, além dessas questões, a interação com os estudantes em sala de aula nos apresenta outras, também importantes e que, por serem tão recorrentes, não podem ser ignoradas. A experiência docente na rede pública de ensino nos mostra o quanto o racismo e o sexismo estão presentes nos discursos e atitudes dos alunos, fato que nos leva a pensar sobre como nossa prática pode ou não contribuir com a reprodução de preconceitos e o silenciamento de minorias.

Melo (2015), ao analisar de que forma é abordada a temática racial na aula de inglês, afirma que quando se foca o ensino de línguas apenas na transmissão do código:

textos que tratam de gênero, raça, sexualidade, classe social e deficiências, vivenciadas cotidianamente nas instituições de ensino, são apagados, silenciados e/ou usados para reforçar o ensino da estrutura e/ou habilidades e também naturalizar discursos hegemônicos e estereotipados de raça sem contestá-los. (MELO, 2015, p.71)

As temáticas citadas pela autora fazem parte dos temas transversais (a discussão racial, especificamente, se relacionaria ao tema transversal denominado “pluralidade cultural”) que, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental (BRASIL, 1998) devem compor os currículos das diversas

---

disciplinas, já que permitem que os alunos façam uma reflexão sobre importantes questões sociais que contribuirão com sua formação cidadã.

Além dos temas transversais apresentados pelos PCNs, a Lei n. 10.639 do ano de 2003, ao outorgar, no parágrafo segundo, que “os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar” (BRASIL, 2003), permite que reflitamos e nos questionemos sobre como é possível levar esta questão para a aula de língua estrangeira.

No texto sobre princípios e critérios de avaliação dos livros de língua estrangeira do Programa Nacional do livro didático para o ano de 2017 afirma-se que:

Através da aprendizagem de uma língua estrangeira, o estudante torna-se sensível à compreensão e à expressão de si e de outros. Esse tipo de experiência requer do estudante a reflexão sobre a diferença, sobre outros modos de ser e de viver, linguísticos e culturais, preparando-se para enfrentar e problematizar estereótipos, preconceitos e todo tipo de discriminação (BRASIL, 2016).

Nesse sentido, algumas perguntas impulsionaram a elaboração do presente estudo. Como professores e professoras da escola pública lidam com a questão racial no ensino de espanhol como língua estrangeira (E/LE)? De que maneira os livros didáticos do idioma contribuem com a discussão desta temática? Para responder estas questões, será necessário refletir sobre a crença dos docentes acerca do papel do ensino de língua espanhola na escola pública. A partir da identificação desta crença, será possível perceber se existe ou não espaço para a inclusão da discussão racial nestas aulas.

Considerando a língua um poderoso fator de produção e reprodução de práticas racistas e a linguagem como parte intrínseca ao nosso processo de elaboração e representação do mundo, é relevante analisar como as práticas languageiras podem construir ou desconstruir representações dissimétricas do mundo e da vida social (ZOLIN-VESZ, 2016). Assim, o professor e o livro didático podem ser instrumentos de reprodução dos discursos racistas que circulam socialmente, mas também podem ser ferramentas de contestação destes discursos.

Destarte, este trabalho se torna relevante, visto que proporcionaremos uma reflexão sobre o lugar da discussão racial na aula de espanhol e sobre como a ideia de raça se constrói social, cultural e historicamente por meio da linguagem, e somente através dela poderá ser reconstruída e preenchida por sentidos outros, que possibilitem a valorização do negro na sociedade.

---

Além disso, a discussão poderá ser pertinente para outras línguas estrangeiras, principalmente a língua inglesa, que é disciplina obrigatória no currículo dos Ensinos Fundamental e Médio das redes públicas do país.

Neste artigo, trataremos de dois conceitos norteadores da pesquisa: o conceito de crença relacionado ao ensino-aprendizagem de línguas e o conceito de raça. Ambos serão explicitados nas seções a seguir.

### **Crença sobre ensino-aprendizagem de línguas**

O conceito de crença é pertinente a este estudo já que se faz necessário entender como os professores de língua espanhola percebem seu trabalho. Dependendo do que acreditam ser relevante e da concepção de língua que oriente sua prática docente, poderemos identificar se há espaço para a discussão da temática racial em suas aulas ou não. No prefácio do livro de Zolin-Vesz (2013, p.11), Barcelos afirma que “a importância das crenças está relacionada com sua influência na abordagem de ensinar do professor e na abordagem de aprender do aluno, além de estar relacionada também com fatores de motivação, emoções e identidade de alunos e professores”.

As crenças serão vistas, nesta pesquisa, a partir de uma perspectiva sociopolítica, já que, de acordo com Zolin-Vesz (2013), elas não são neutras e revelam mais do que opiniões pessoais e emoções. Assim, as crenças devem ser analisadas dentro dos contextos micro e macro nos quais se produzem, pois são, também, produto dos discursos que circulam nesses contextos.

Zolin-vez (IBID), em sua pesquisa sobre crenças relacionadas ao ensino-aprendizagem de espanhol, identificou que para muitos pais, diretores e professores, não é possível aprender uma língua estrangeira na escola pública. Segundo ele:

A demarcação de lugares definidos para a (não) aprendizagem de línguas estrangeiras parece reproduzir um modelo injusto de sociedade em que apenas aqueles que possuem determinadas condições financeiras podem aprender (a falar) e/ou se aperfeiçoar em cursos de idiomas, contribuindo assim, para a manutenção e a reprodução do *status quo* e da estratificação social (ZOLIN-VESZ, 2013, p. 38).

Da mesma forma, é possível pensar que para aqueles docentes cuja visão de língua se pauta na simples transmissão do código, discussões relacionadas a gênero ou raça, por exemplo, poderão servir, no máximo, como ferramentas para acessar a língua e

---

identificar suas regras. Tal atitude também contribuiria para a reprodução e manutenção do *status quo* e da estratificação social, conforme citado anteriormente.

Por outro lado, existe também a possibilidade de que os professores queiram trabalhar a questão racial, porém não possuam uma formação adequada que lhes permita abordar o tema com segurança e responsabilidade. Nesse sentido, os livros didáticos podem ser um importante material para que os temas transversais sejam, efetivamente, assunto nas aulas, já que um dos critérios para sua aprovação no Programa Nacional do Livro didático é que haja:

Manifestações em linguagem verbal, não verbal e verbo-visual que favoreçam o acesso à diversidade cultural, social, étnica, etária e de gênero manifestada na língua estrangeira, de modo a garantir a compreensão de que essa diversidade é inerente à constituição de uma língua e das comunidades que nela se expressam (BRASIL, 2016).

Destarte, pretendemos analisar, também, como são trabalhadas as unidades dos livros didáticos (aprovados no Programa Nacional do Livro didático, 2017) onde a questão racial aparece. Mais uma vez, a crença de professoras e professores afetará a abordagem e as atitudes tomadas por elas e eles durante estas aulas destas unidades temáticas.

Veremos, na seção seguinte, uma breve explanação sobre o conceito de raça defendido nesta pesquisa. É importante ressaltar que a análise da abordagem racial nos livros de espanhol aprovados no PNLD (2017) será parte relevante do trabalho. Nesse momento, tal análise será feita a partir do conceito de representação social que é entendida como: “modos de pensar compartilhados pelos diferentes grupos, e que medeiam a interação dos sujeitos sociais com a realidade, com os objetos e com os fatos sociais que a compõem” (SILVA; DIAS, PIMENTA, 2014). Entretanto, esta discussão não será abordada neste artigo, pois ainda encontra-se em fase inicial.

### **Reflexão sobre o conceito de raça**

É preciso deixar claro que o conceito de raça abordado nesta pesquisa tem um viés social, e não biológico. De acordo com Mbembe (2014, p. 26) “a raça não existe enquanto fato natural físico, antropológico ou genético. A raça não passa de uma ficção útil”. Assim, apesar de não existirem raças, este conceito permitiu e ainda permite a reprodução da representação das populações não europeias como inferiores e, no

---

passado, serviu para justificar o desenvolvimento de políticas eugenistas em diversos países.

Quijano (2005) afirma que o conceito de raça, surgido a partir da colonização europeia, produziu novas identidades sociais (índios, negros, mestiços), assim como redefiniu outras (a própria identidade europeia, por exemplo). E, como as relações sociais começaram a se estabelecer de acordo com as relações hierárquicas de dominação, as “raças” dominadas acabaram por carregar o estigma da inferioridade.

Ao longo da história, houve tentativas de justificar cientificamente a existência dessas diferentes raças (biologização da raça no século XIX) e a superioridade de uma (branca) sobre outras (negra, indígena), e, ainda que tais estudos tenham sido refutados, as consequências nefastas destas teorias racistas podem ser vistas até os dias atuais em que é possível perceber a reafirmação destes valores perpetrados no período colonial.

A importância de analisar como são representadas as raças nos livros didáticos consiste em compreender como a colonialidade afeta nossa forma de ser e estar no mundo. Neste sentido, para que se supere e se construa uma compreensão de mundo mais abrangente e justa, faz-se necessário questionar esses discursos para, então, derrubá-los.

Quijano (2010, p.84) afirma que a colonialidade “é um dos elementos constitutivos e específicos do padrão mundial do poder capitalista”. Segundo ele, o que sustenta esta visão colonial de mundo é, justamente, a “imposição de uma classificação racial/étnica da população” mundial como base no padrão de poder existente.

Na mesma linha de raciocínio, Santos (2010, p.31) declara que “o pensamento moderno ocidental é um pensamento abissal”, já que impossibilita a copresença dos conhecimentos produzidos no norte (sociedades metropolitanas) e no sul (territórios coloniais). De acordo com este conceito, o pensamento do norte (eurocêntrico) predomina porque “esgota o campo da realidade relevante”. Assim, tal realidade inviabiliza tantas outras existentes, fazendo com que além dela, haja “apenas inexistência, invisibilidade e ausência não dialética”.

Por isso, é importante analisar os diversos campos onde as raças são representadas, e refletir sobre tais representações nos livros didáticos é uma forma de contribuir com a construção de novos sentidos que permitam a descolonização de nossa forma de pensar, agir e estar no mundo.

---

## Considerações Finais

No presente artigo, procuramos apresentar brevemente dois conceitos norteadores da pesquisa de doutorado que está em processo de elaboração: o conceito de crença e o de raça. Pretendemos, com este trabalho, reforçar a importância da discussão racial também nas aulas de língua estrangeira das escolas públicas.

Neste momento da pesquisa, o foco é o levantamento de referências que embasem teoricamente os assuntos abordados. Os passos seguintes se centrarão na análise da representação das raças nos livros didáticos de língua espanhola aprovados no PNLD (2017). Posteriormente, acontecerão as entrevistas com professores de língua espanhola da Rede Municipal de educação de Niterói e, finalmente, uma pesquisa etnográfica de acompanhamento das aulas de alguns dos professores entrevistados, com o objetivo de acompanhar como se dá a abordagem da temática racial apresentada nos livros didáticos.

## REFERÊNCIAS

BARCELOS, A.M.F. Crenças sobre aprendizagens de línguas, linguística aplicada e ensino de línguas. In: *Linguagem e ensino*, vol.7, n.1, p.123-156, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. Guia Digital do PNLD 2017. In: <http://www.fnde.gov.br/pnld-2017/>

\_\_\_\_\_. Lei número 10.639 de 9 de janeiro de 2003.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. *Orientações curriculares para o ensino médio. Linguagens, códigos e suas tecnologias*. Brasília: MEC:2006.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros curriculares nacionais, códigos e suas tecnologias. Língua estrangeira moderna*. Brasília: MEC, 1998.

---

KALAJA, P. *Research on students' beliefs about SLA within a discursive approach*. In: KALAJA, P. BARCELOS, A.M.F (eds). *Beliefs about SLA: new research approaches*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, p.87-108, 2003.

JODELET, D. *Lés representations sociales*. Paris: PUF, 1989.

MBEMBE, A. *Crítica da razão negra*. Lisboa: Antígona, 2014.

MELO, G.CV. O lugar da raça na sala de aula de inglês. In: *Revista da ABPN*, v. 7, n. 17 jul. – out. 2015, p.65-81.

MOSCOVICI, S. *A representação social da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MUNANGA, K. *Negritude usos e sentidos*. São Paulo: Ática, 1986.

QUIJANO, A. *Colonialidade do poder e classificação social*. In: MENESES, M.P; SANTOS, B.S.(ORGS.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo, Cortez: 2010.

\_\_\_\_\_. *Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina*. In: LANDER, Edgardo [org.]. *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais*. Perspectivas Latino-americanas. Colección Sur Sur, Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2005.

SANTOS, Boaventura de Sousa [orgs.]. *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010.

SILVA, R. D; DIAS, A. A; PIMENTA, S. A. Profissionalidade e formação docente: representações sociais de professores. In: *Rev. Diálogo Educ.*, v.14, n.42, p.549-568, maio/ago. 2014.

ZOLIN-VESZ, F. *Crenças sobre ensinar e aprender espanhol: reprodução e manutenção do status quo e da estratificação social*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013.

---

ZOLIN-VESZ, F (org.). *Linguagens e Descolonialidades. Arena de embates de sentidos*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016.